Léon Denis

Espíritos e Médiuns

Traduzido do Francês
Léon Denis - Esprits et Médiums
Paris (1921)

John Martin - As Planíces do Céu

Conteúdo resumido

Espíritos e Médiuns é um excelente resumo dos estudos que Léon Denis fez sobre a mediunidade, sendo o seu uso indicado principalmente para os iniciantes da Doutrina que queiram dedicar-se às atividades mediúnicas.

A obra nos auxilia a compreender melhor o que se passa nos momentos da prática mediúnica, com orientações sobre os procedimentos que devem ser observados pelos médiuns e diretores de grupos e centros espíritas no exercício da mediunidade.

Sumário

Prefácio 3
I - O Espiritualismo Experimental 5
II - Os Fenômenos Espíritas 16
III - Natureza da Mediunidade 28
IV - Prática da Mediunidade 33
V - Análise da Mediunidade 42
VI - Prece de Jerônimo de Praga 53
Índice de Nomes Próprios 54

Prefácio

Nesta obra – uma valiosa contribuição de Léon Denis para aclarar o trato do Espiritismo experimental – temos muito que aproveitar, reconhecendo em seu autor um homem habituado a lidar com médiuns e espíritos.

De uma leitura atenta, podemos extrair inúmeras lições, que nos ajudarão a compreender facetas das comunicações mediúnicas, e que só o tempo poderia nos dar.

Todos os capítulos são importantes, mas quem desejar compreender melhor o que se passa nos momentos da prática mediúnica, muito terá a aprender com a leitura do Capítulo IV, *Prática da Mediunidade*. Nele encontram-se narrados, de maneira simples e objetiva, vários procederes que, se forem observados, muito ajudarão a médiuns e diretores de grupos e de centros espíritas no exercício da prática mediúnica.

A recomendação do uso da oração e do recolhimento, antes do início das reuniões; a impregnação fluídica, que deve acontecer antes de todas as sessões; as dificuldades que surgem pela existência de pensamentos divergentes, que formam correntes fluídicas desencontradas; a análise dos dois maiores obstáculos que o médium tem a vencer: o espírito de lucro e o orgulho; os resultados que uma segura atitude moral proporciona; a absorção dos fluidos dos mundos superiores, e também os esforços que os médiuns devem empregar, continuadamente, para merecerem a assistência dos bons espíritos, ali estão descritos e analisados de maneira prática e objetiva.

No Capítulo V, Léon Denis, com a clareza que lhe é peculiar, faz uma análise minuciosa da mediunidade, mostrando-nos que ela é a “reveladora das potências da alma”.

O autor ainda nos fala, com detalhes, do fenômeno da incorporação, contando, inclusive, casos ocorridos com ele próprio.

Dos escritores espíritas considerados “clássicos”, Léon Denis talvez seja o único que se detém sobre este tipo de mediunidade.

Quanto ao Capítulo III, será interessante que o leitor faça uma leitura do capítulo 22 de *No Invisível*, também de autoria de Denis, para estabelecer uma comparação entre os dois.

Finalizando, transcrevemos a opinião de Gaston Luce sobre a presente obra, expressa em seu livro *Vida e Obra de Léon Denis*, à página 180:

“No mesmo ano, foi publicado o opúsculo de propaganda *Espíritos e Médiuns*, com 70 páginas; esse trabalho, assim como *O Além e a Sobrevivência do Ser*, é uma contribuição ao Espiritualismo Experimental, enriquecida de novas observações e de conselhos relativos à mediunidade”.

Altivo Carissimi Pamphiro

I
O Espiritualismo Experimental

Em nossos dias, mais do que nunca, o Espiritismo chama a atenção do público. Fala-se com freqüência em casas mal-assombradas, em fenômenos de telepatia, em aparições e materializações de espíritos.

A Ciência, a Literatura, o Teatro e a Imprensa deles se ocupam constantemente, porquanto as experiências do Instituto Metapsíquico, os testemunhos do grande escritor inglês Conan Doyle e as averiguações feitas por alguns jornais parisienses dão a esta questão um caráter de atualidade permanente.

Examinemos, pois, este problema, e averigüemos por que o Espiritismo, tão freqüentemente sepultado, sempre reaparece, crescendo, dia a dia, o número de seus partidários.

Não é, por acaso, uma coisa estranha?

Talvez, na História, jamais se tenha produzido nada igual.

Nunca se viu um conjunto de fatos, considerados impossíveis a princípio, cuja idéia provocava, em geral, antipatia, receio, desdém; fatos que excitavam a hostilidade de várias instituições seculares, acabarem por se impor à atenção e até à convicção de homens cultos, competentes, autorizados por suas funções e por seu caráter.

Esses homens, inicialmente céticos, terminaram por reconhecer e afirmar a realidade dos aludidos fenômenos, depois de os estudar, investigar e experimentar.

O ilustre sábio inglês William Crookes, conhecido no mundo inteiro pelo descobrimento do estado radiante da matéria, e que durante três anos obteve, em sua casa, materializações do espírito Katie King, em condições de controle rigoroso, falava, a propósito dessas manifestações: “Eu não digo que isto seja possível, eu digo: isto é”.

Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham, membro da Sociedade Real, escreveu:

"Fui levado, pessoalmente, à certeza da existência futura, por provas que repousam sobre uma base estritamente científica".

Frederico Myers, professor de Cambridge – a quem o Congresso Oficial Internacional de Psicologia de Paris, em 1890, elegeu Presidente de Honra – em seu admirável livro *A Personalidade Humana*, chega à conclusão de que vozes e mensagens nos vêm do Além-Túmulo.

Falando da médium Sra. Thompson, Myers escreve: "Creio que a maioria dessas mensagens vêm de espíritos que se servem, temporariamente, do organismo dos médiuns para transmiti-las a nós."

O célebre professor Césare Lombroso, de Turim, diz na *Leitura*: "Os fatos observados nas casas freqüentadas por fantasmas, nas quais, durante anos, se reproduzem aparições e ruídos, de acordo com o relato de mortes trágicas, e sem a presença de nenhum médium, atestam em favor da ação dos mortos. Com freqüência, trata-se de casas desabitadas, onde esses fenômenos se produzem durante várias gerações e, muitas vezes, durante séculos."

O Sr. Boutroux, filósofo bem conhecido, dissertava, em suas brilhantes conferências, acerca dos espíritos e as comunicações medianímicas, assegurando que: "A porta do subconsciente é a abertura por onde o divino pode entrar na alma humana."

"Às vezes, – dizia, – as revelações espíritas são tão estranhas que parece, efetivamente, estar, o médium, em comunicação com diferentes seres dos que lhe são acessíveis normalmente."

William James, reitor da Universidade de Harvard, New York, eminente psicólogo falecido há alguns anos, afirmava a verossimilhança das comunicações com os mortos, em seu estudo publicado no ano de 1909, no *Proceedings*, acerca de seu amigo Hodgson, já falecido, que vinha conversar com ele pela mediunidade da senhora Piper. James escrevia que: "Estes

fenômenos dão a impressão irresistível de que é realmente a personalidade de Hodgson, com suas características próprias" e, mais adiante: "O sentimento dos assistentes era de que conversavam com o verdadeiro Hodgson".

A origem do Espiritismo, o Espiritualismo Moderno, está na América.

Na realidade, os fenômenos do Além-Túmulo se encontram na base de todas as grandes doutrinas do passado. Em quase todos os tempos, o mundo dos vivos manteve relação com o Mundo Invisível. Porém, na Índia, no Egito e na Grécia, esses estudos eram privilégio de um pequeno número de investigadores e de iniciados, e os seus resultados se ocultavam cuidadosamente.

Para que esse estudo fosse acessível a todos, e se conhecessem as verdadeiras leis que regem o Mundo Invisível; para ensinar os homens a ver nesses fenômenos, não uma ordem de coisas sobrenatural, mas um domínio ignorado da natureza e da vida, era necessário o trabalho enorme dos séculos, todos os descobrimentos da Ciência, todas as conquistas do espírito humano sobre a matéria.

Era preciso que o homem conhecesse seu verdadeiro lugar no Universo, que aprendesse a medir a debilidade de seus sentidos e a sua impotência para explorar, por si mesmo e sem ajuda, todos os domínios da natureza viva.

A Ciência, com seus inventos, atenuou essa imperfeição de nossos órgãos.

O telescópio abriu aos nossos olhos os abismos do espaço, o microscópio nos revelou o infinitamente pequeno: assim surgiu a vida, tanto no mundo dos infusórios[1] como na superfície dos globos gigantes que giram na profundidade dos céus.

A Física descobriu as leis que regulam a transformação das forças e a conservação da energia e, também, as leis que mantém o equilíbrio dos mundos.

A radioatividade dos corpos revelou a existência de poderes desconhecidos e incalculáveis: raios X, ondas hertzianas, irradiações de todas as classes e de todos os graus.

A Química nos fez conhecer as combinações da matéria. O vapor e a eletricidade vieram revolucionar a superfície do globo, facilitando as relações entre os povos e as manifestações do pensamento, para que as idéias resplandeçam e se propaguem a todos os pontos da esfera terrestre.

Hoje, o estudo do Mundo Invisível vem completar essa magnífica ascensão do Pensamento e da Ciência. O problema do Além-Túmulo se ergue frente ao espírito humano com poder e autoridade.

Nos fins do século XIX, o homem, desenganado de todas as teorias contraditórias e de todos os sistemas incompletos que se lhe apresentavam, abandonava-se à dúvida; perdia, cada vez mais, a noção da vida futura.

Foi então que o Mundo Invisível veio até ele e o perseguiu até sua própria morada. Por diversos meios, os mortos se manifestaram aos vivos. As vozes do Além-Túmulo falaram. Os mistérios dos santuários orientais, os fenômenos ocultos da Idade Média, após um largo silêncio, reapareceram.

O Espiritismo nasceu.

As primeiras manifestações do Espiritualismo Moderno se produziram além dos mares, num mundo jovem, rico de energia vital, de expansão ardente, menos exposto que a velha Europa ao espírito de rotina e aos prejuízos do passado. Dali as manifestações se espalharam por todo o globo.

Essa eleição foi profundamente sensata, pois a livre América era, com efeito, o ambiente mais propício para uma obra de difusão e de renovação. Por isso ali se contam, hoje, vinte milhões de "espiritualistas modernos". Mas, tanto de um lado do Atlântico quando do outro, embora com intensidades diferentes, as fases de progresso da idéia espírita têm sido idênticas.

Em ambos os continentes, o estudo do magnetismo e dos fluidos havia preparado certos espíritos para a observação do Mundo Invisível.

A princípio, se produziram fatos estranhos em todas as partes, fatos dos quais ninguém se atrevia a falar, senão em voz baixa, na intimidade. Depois, pouco a pouco, se foi elevando o tom. Sábios, homens de talento, cujos nomes são garantia de honorabilidade e de sinceridade, se atreveram a falar desses fatos em voz alta, afirmando-os.

Falou-se de hipnotismo, de sugestão; depois, vieram a telepatia, os casos de levitação e todos os fenômenos do Espiritismo. Agitavam-se mesas em louca rotação; deslocavam-se objetos, sem nenhum contato, ressoavam golpes nas paredes e nos móveis. Todo um conjunto de fatos se produzia; manifestações, vulgares na aparência, mas perfeitamente adaptadas às exigências do meio terrestre, ao estado de espírito positivo e cético das sociedades modernas.

O fenômeno falava aos sentidos, porque os sentidos são como aberturas por onde o fato penetra até o entendimento.

As impressões produzidas no organismo despertam surpresas, incitam à busca, e conduzem à convicção. Daí o encadeamento dos fatos, a marcha ascendente dos fenômenos.

Com efeito, depois de uma primeira fase material e grosseira, as manifestações tomaram um aspecto novo. Os golpes se fizeram mais regulares e se converteram em um meio de comunicação inteligente e consciente; a escrita automática se divulgou.

A possibilidade de estabelecer relação entre o mundo visível e o invisível apareceu como um fato imenso, derrubando as idéias herdadas, derrubando os ensinamentos habituais, mas abrindo sobre a vida futura uma saída que o homem não se atrevia ainda a transpor, deslumbrado pelas perspectivas que se apresentavam a ele.

Ao mesmo tempo que se propagava, o Espiritismo via numerosas oposições levantarem-se contra si. Como todas as idéias novas, teve que enfrentar o menosprezo, a calúnia, a perseguição moral.

Tal qual o Cristianismo, em seu começo foi sobrecarregado de amargura e de injúrias. Sempre acontece assim. Quando novos aspectos da verdade aparecem aos homens, sempre provocam assombro, desconfiança, hostilidade.

É fácil compreendê-lo. A humanidade esgotou as velhas formas de pensamento e de crença; e quando formas inesperadas da verdade se revelam, não parecem corresponder muito ao antigo ideal, que está debilitado, mas não morto.

Por isso se necessita de um período bastante longo de estudo, de reflexão, de incubação, para que a nova idéia abra caminho na opinião. Daí as lutas, as incertezas, os sofrimentos da primeira hora.

Riu-se muito das formas que tomava o Novo Espiritualismo. Os poderes invisíveis, que velam sobre a humanidade, são melhores juízes que nós dos meios de ação e de adestramento que convém adotar, segundo os tempos e os ambientes, para fazer com que o homem tome consciência do seu papel e do seu destino, sem, por isso, travar seu livre-arbítrio. Porque isto é o essencial: que a liberdade do homem fique intacta.

A Vontade Superior sabe ajustar-se às necessidades de uma época, de uma raça, e às novas formas da eterna revelação.

Ela suscita, no seio das sociedades, os pensadores, os experimentadores, os sábios que indicarão o caminho a seguir e colocarão os primeiros marcos. Sua obra se desenrola lentamente. Os resultados são, a princípio, débeis, insensíveis, mas a idéia penetra pouco a pouco nas inteligências. O movimento, por ser imperceptível, não é, por si, menos seguro e profundo.

Em nossa época, a Ciência se elegeu em dona soberana, em diretora do movimento intelectual. Cansada das especulações

metafísicas e dos dogmas, a humanidade reclamava provas sensíveis, bases sólidas sobre as quais pudesse assentar suas convicções.

Fazia-se o estudo experimental, a observação dos fatos, como uma tábua de salvação. Daí o grande critério dos homens da Ciência, na atualidade. Por isso a revelação adquiriu um caráter científico. Com fatos materiais, chamou-se a atenção dos homens que se haviam materializado.

Os fenômenos misteriosos, que se achavam disseminados na História, se renovaram e se multiplicaram ao nosso redor, sucederam-se em ordem progressiva, que parece indicar um plano preconcebido, a execução de um pensamento, de uma vontade.

À medida que o Novo Espiritualismo ganhava terreno, os fenômenos se iam transformando. As manifestações, grosseiras no começo, se aperfeiçoavam, tomando um caráter mais elevado. Certos médiuns recebiam por meio da escrita, de uma forma mecânica ou intuitiva, mensagens, inspirações de fonte estranha. Instrumentos musicais tocavam sozinhos.

Ouviam-se vozes e cantos: penetrantes melodias pareciam baixar do céu e turvavam o ânimo dos mais incrédulos. A escrita direta aparecia no interior de lousas justapostas e lacradas.

Os fenômenos de incorporação permitiam aos mortos possuírem o organismo de um médium adormecido, e conversar com quem haviam conhecido na Terra.

Gradualmente, e como conseqüência de um desenvolvimento calculado, apareciam os médiuns videntes, falantes, curadores.

Enfim, os habitantes do espaço, revestindo-se de envoltórios temporários, vinham reunir-se com os humanos, vivendo, por uns instantes, sua vida material e terrestre, deixando-se ver, tocar, fotografar; dando impressões de suas mãos e de seus rostos e desvanecendo-se logo para prosseguir sua vida etérea.

Assim é que se tem produzido uma série de fatos, durante mais de meio século, desde os mais inferiores e vulgares até os mais

sutis, segundo o grau de elevação das inteligências que intervêm; toda uma ordem de manifestações se desenrolou sob o olhar atento de observadores.

Por isso, e apesar das dificuldades de experimentação, apesar dos casos de fraudes e dos modos de exploração, em que esses fatos serviram muitas vezes de pretexto, a apreensão e a desconfiança se atenuaram paulatinamente, e o número de investigadores cresceu.

Há quase cinqüenta anos, em todos os países, o fenômeno espírita tem sido objeto de freqüentes investigações empreendidas e dirigidas por comissões científicas. Sábios céticos, professores célebres de todas as grandes universidades do mundo, submeteram esses fatos a um exame profundo e rigoroso. Sua intenção primeira foi sempre esclarecer o que eles acreditavam tratar-se do resultado de enganos deliberados ou de alucinações. Mas quase todos, depois de anos de estudos conscienciosos e de experimentações perseverantes, abandonaram suas prevenções e sua incredulidade, e se inclinaram ante a realidade dos fatos.

As manifestações espíritas, comprovadas por milhares de pessoas em todos os pontos do globo, demonstraram que, ao nosso redor, se agita um mundo invisível, um mundo onde vivem, em estado fluídico, aqueles que nos precederam na Terra, que lutaram e sofreram, e que constituem, além da morte, uma segunda humanidade.

O Novo Espiritualismo se apresenta hoje com um acompanhamento de provas e um conjunto de testemunhos tão imponentes, que já não é possível a dúvida para os investigadores de boa-fé. Isto mesmo expressava o professor Challis, da Universidade de Cambridge, nos seguintes termos:

"Os atestados têm sido tão abundantes e tão perfeitos, os testemunhos têm vindo de tantas fontes independentes entre si e de um número tão grande de testemunhas, que se faz necessário ou admitir as manifestações tal como se nos apresentam, ou renunciar à possibilidade de atestar, por um depoimento humano, qualquer fato que seja."

Por essa razão, o movimento de propagação se foi acentuando cada vez mais.

No momento atual, estamos assistindo a um verdadeiro florescimento das idéias espíritas. A crença no Mundo Invisível se estendeu por sobre toda a face da Terra. Por toda parte, o Espiritismo tem suas sociedades de experimentação, seus vulgarizadores, seus periódicos.

Embora a filosofia, em suas mais atrevidas especulações, tenha conseguido elevar-se à concepção de outro mundo de existência, depois da morte do corpo, a ciência humana, não obstante, não havia logrado, experimentalmente, a certeza do fato em si.

O valor do Espiritismo consiste, precisamente, em nos proporcionar essas bases experimentais, provando-nos a possibilidade de comunicação entre os vivos e as inteligências que viveram entre nós antes de transpor o umbral da vida invisível. Essas almas puderam dar, em certos casos, a demonstração de sua identidade e de seu estado de consciência.

Para não citar senão um caso entre mil: o doutor Richard Hodgson, falecido em dezembro de 1906, comunicou-se depois com seu amigo J. Hislop, professor da Universidade de Columbia, entrando em minuciosos detalhes, acerca das experimentações e trabalhos realizados pela Sociedade de Investigações Psíquicas, de cuja seção americana era presidente.

Explicou como teriam que dirigi-los, provando sua identidade com todos esses pormenores. Essas comunicações se transmitiram por intermédio de diferentes médiuns, que não se conheciam entre si, servindo de mútua confirmação. Nelas se reconhecem as palavras e as frases familiares do comunicante durante sua vida.

— 0 —

Embora o início do Espiritismo tenha sido difícil e sua marcha, lenta e cheia de obstáculos, há quase vinte anos ele conquistou direito de cidadania. Converteu-se em uma verdadeira ciência e, no tempo certo, num corpo de doutrina, uma filosofia geral da vida e

do destino, cimentada em um conjunto imponente de provas experimentais às quais, a cada dia, se agregam fatos novos.

Essa ciência, essa doutrina, nos tem demonstrado, cada vez melhor, a realidade de um mundo invisível, incomensurável, povoado de seres viventes, que até agora haviam passado despercebidos aos nossos sentidos. Novos horizontes se nos abriram. A perspectiva de nossos destinos se nos ampliou.

Nós mesmos pertencemos, por uma parte de nosso ser – a mais importante – a esse Mundo Invisível, que se revela cada dia mais aos observadores atentos.

Os casos de telepatia, os fenômenos de desdobramento, as exteriorizações de pessoas vivas, as aparições à distância, tantas vezes descritas por F. Myers, C. Flammarion, Charles Richet, Dr. Dariex, Dr. Maxwell, etc., o demonstram experimentalmente. As atas da Sociedade de Investigações Psíquicas, de Londres, são ricas em fatos desse gênero.

Os espiritistas crêem que essa parte invisível, imponderável de nosso ser, registro inalterável de nossas faculdades, de nosso "eu" consciente, em uma palavra, o que os crentes de todas as religiões chamaram "alma", sobrevive à morte. Prossegue sua evolução, no decorrer do tempo e do espaço, até estados sempre melhores e mais iluminados através de raios de justiça, de verdade e de amor. Essa alma, esse "eu" consciente, tem como invólucro indestrutível, como veículo, um corpo fluídico, envoltório do corpo humano, formado de matéria sutil, radiante, invisível, sobre o qual a morte não tem ação alguma.

Achamo-nos aqui em presença de uma teoria, de uma concepção suscetível de reconciliar as doutrinas materialistas e espiritualistas, que durante tanto tempo se combateram sem se poderem derrubar, nem destruir mutuamente.

A alma já não seria uma vaga abstração, mas um centro de força e de vida, inseparável de sua forma sutil, imponderável, embora ainda material.

Há nela uma base positiva para as esperanças e as aspirações elevadas da humanidade. Tudo não termina com esta vida: o ser, indefinidamente aperfeiçoável, recolhe em seu estado psíquico – que sem cessar se refina – o fruto do trabalho, as obras, os sacrifícios de todas as suas existências.

As dores, o grito de chamada que se eleva para o céu, desde as profundezas da humanidade, não ficam sem resposta.

Aqueles que viveram entre nós, e que continuam no espaço sua evolução indefinida, sob formas mais etéreas, não se desinteressam de nossos sacrifícios e de nossas lágrimas.

Desde os cumes da vida universal caem, sem cessar, sobre a humanidade, correntes de força e inspiração. Dali procedem os relâmpagos do gênio; dali os sopros poderosos que passam sobre as multidões nas horas decisivas; dali o consolo para os que sucumbem sob a pesada carga da existência.

Um laço misterioso une o visível ao invisível.

Nosso destino se desenvolve sobre a cadeia grandiosa dos mundos e se traduz em aumentos graduais de vida, de inteligência e de sensibilidade.

Mas, o estudo do universo oculto não se faz sem dificuldades. Lá, como aqui, o bem e o mal, a verdade e o erro se misturam segundo o grau de evolução dos espíritos com os quais entramos em relação.

Por isso é necessário abordar o terreno da experimentação com uma prudência extremada, depois de estudos teóricos suficientes.

O Espiritismo é a ciência que regula essas relações e nos ensina a conhecer, a atrair, a utilizar as forças benéficas do Mundo Invisível; a separar as más influências e, ao mesmo tempo, a desabrochar os poderes escondidos, as faculdades ignoradas que dormem no fundo de todo ser humano.

II
Os Fenômenos Espíritas

Gustave Le Bon tomou, em 1908, a iniciativa de uma proposição que parecia peremptória: oferecia um prêmio de dois mil francos ao médium que produzisse, diante de uma comissão competente, um fenômeno de levitação em plena luz.

Por que estipular, em plena luz, se é notório que esse fenômeno não é normalmente possível senão com luz suave, visto que a luz viva exerce uma ação dissolvente sobre a força psíquica?

Que se diria de um aficionado que exigisse, para admitir a fotografia, que esta se produzisse em plena luz, se pelo menos, até agora, o fenômeno necessita de câmara escura?

Notemos que a escuridão completa não é necessária para que se produzam as levitações, e bastará uma luz vermelha, suave, para eliminar qualquer outro procedimento ou suposição de fraude. Por outra parte, quantos fenômenos naturais conhecidos exigem uma luz muito tênue, ou a escuridão total?

O sábio imparcial observa a lei, a norma de um fenômeno, mas se guarda, principalmente, de pretender impor *a priori* as condições de sua produção.

Os casos de levitação, sem nenhum contato, de móveis e pessoas, e de obtenção de moldes de mãos e rostos, foram observados em condições que desafiam qualquer crítica, por sábios franceses e estrangeiros.

Tiraram-se fotografias, o que descarta, de um modo total, a objeção da sugestão. A placa fotográfica não é propensa a alucinações.

Os experimentos realizados de uma forma rigorosamente científica são numerosos. Citaremos, por exemplo, os do professor Botazzi, diretor do Instituto de Fisiologia da Universidade de

Nápoles, em maio de 1907, ajudado pelo professor Cardarelli, senador, e outros sábios.

Como admitem que os sentidos podem evidentemente enganar, servem-se de aparelhos registradores que permitem estabelecer não somente a realidade, a objetividade do fenômeno, como também o gráfico da força que atua.

Eis aqui as principais medidas tomadas pelo grupo de sábios já citados, que experimentaram tendo Eusapia Palladino como médium.

No extremo da sala, detrás de uma cortina, se preparam de antemão sobre uma mesa:

1º) Um cilindro coberto de papel esfumado, móvel em torno de um eixo;

2º) Uma balança pesa-cartas;

3º Um metrômetro elétrico Zimmermann;

4º) Um pulsador telegráfico unido a outro sinalador elétrico;

5º) Uma pêra de borracha unida por meio de um grande tubo, através do muro, a um manômetro de mercúrio situado no cômodo contíguo.

Como se pode ver, um luxo de precauções tomadas pelos indicados sábios investigadores, precauções que deviam lhes dar, sem dúvida alguma, a certeza de que não eram enganados.

Nessas condições, todos os aparelhos foram controlados à distância, enquanto as mãos de Eusapia se achavam presas por dois dos experimentadores; os demais formavam círculo ao seu redor.

Há trinta anos, Eusapia operava em Milão; o diário *Itália Del Popolo*, daquela cidade, publicou, com data de 18 de novembro de 1892, um suplemento especial com as atas de dezessete sessões ali realizadas.

Esse documento está firmado, com os seguintes nomes: Schiaparelli, diretor do Observatório Astronômico de Milão; Aksakof, conselheiro de Estado russo; Brofferio e Gerosa,

professores universitários; Ermácora e G. Finzi, doutores em Física; Charles Richet, professor da Faculdade de Medicina de Paris, diretor da *Revista Científica*, e César Lombroso, professor da Faculdade de Medicina de Turim.

Essas atas comprovam a produção dos seguintes fenômenos, obtidos na escuridão, tendo a médium os pés e mãos constantemente presos por dois dos assistentes: transporte de diversos objetos, sem contato; cadeiras, instrumentos de música, etc.; impressões de dedos sobre o papel esfumado; impressões de dedos sobre argila; aparições de mãos sobre um fundo luminoso; aparições de luzes fosforescentes; levitação da médium sobre a mesa; deslocamento de cadeiras, com as pessoas que as ocupavam; toques sentidos pelos assistentes.

Em suas conclusões, os experimentadores nomeados deixam estabelecido que, em razão das precauções tomadas, não era possível fraude alguma.

"Do conjunto de fenômenos observados, dizem, deduz-se o triunfo de uma verdade que se fez injustamente impopular."

Que esplendor de linguagem poderia igualar o valor comprobatório desse estilo claro e conciso?

A esses testemunhos, poderiam acrescentar-se centenas de outros de igual valor.

Resultarão nulos, aos olhos de nossos contraditores, e será necessário recomeçar as experimentações a cada nova exigência?

As sessões de Eusapia incluem outros fenômenos ainda mais importantes.

O professor Lombroso escrevia na *Arena*, de fevereiro de 1908:

"Depois do deslocamento de um objeto muito pesado, Eusapia, em estado de transe, me disse: *Por que perdes o tempo nestas bagatelas? Eu sou capaz de te mostrar a tua mãe, más é preciso que penses nisso intensamente.*

Estimulado por esta promessa, depois de meia hora de sessão, senti um intenso desejo de ver se ela se cumpria, e a mesa pareceu

dar seu assentimento a meu pensamento íntimo, com seus habituais movimentos de sucessivas elevações. Logo, numa semi-escuridão, à luz vermelha, vi aparecer uma forma um tanto encurvada, como era a de minha mãe, coberta com um véu, e que contornou a mesa para chegar até mim, murmurando palavras que alguns presentes ouviram, mas que minha meia surdez não me permitiu entender.

Então, ao suplicar-lhe que as repetisse, ela, presa de uma viva emoção, me disse: *César, filho meu!* Depois, tirando seu véu, me deu um beijo."

Lombroso recordava a continuação das comunicações escritas ou faladas em línguas estrangeiras, as revelações de fatos desconhecidos, tanto da médium quanto dos assistentes, e os casos de telepatia. Na Inglaterra, o fantasma de Katie King foi fotografado por William Crookes, o que destrói toda hipótese de sugestão.

Em um discurso pronunciado no dia 30 de janeiro de 1908, na Sociedade de Investigações Psíquicas, de Londres, Oliver Lodge, reitor da Universidade de Ciências (*Royal Society*), fala de mensagens obtidas por certos médiuns mediante a escrita automática.

"Os comunicantes compreenderam, tão bem como nós, a necessidade das provas de identidade e fizeram quantos esforços puderam, para satisfazer a esta razoável exigência. Alguns de nós pensamos que as conseguimos, outros ainda duvidam.

Sem deixar de desejar a obtenção de novas provas, eu sou dos que crêem que já se deu um grande passo e que é legítimo admitir, nesses momentos, que existem relações claras com pessoas falecidas que, nos melhores casos, vêm a nos proporcionar uma nova massa de argumentos, fazendo, dessa hipótese, a melhor hipótese de trabalho.

Com efeito, nós cremos que os malogrados Gurney Hodgson, Myers, e outros menos conhecidos, tratam de pôr-se em comunicação constante conosco, com a intenção bem definida e

expressa de nos demonstrarem, pacientemente, sua identidade e dar-nos o controle recíproco de médiuns desconhecidos entre si.

As correspondências cruzadas, isto é, a recepção, por um médium, de parte de uma comunicação, e o resto recebido por outro médium, sem que se possa compreender o sentido de uma dessas partes, em separado, sem o concurso da outra, é uma boa prova de que uma mesma inteligência atua sobre os dois autômatos.

Se, além disso, a mensagem tem as características de uma pessoa falecida, e é recebida dessa forma por observadores que não a conhecem intimamente, podemos ver nela a prova da persistência da atividade intelectual dessa pessoa.

Se, finalmente, obtemos dela um pouco de crítica literária que tem, evidentemente, seu estilo peculiar e próprio, sendo impossível que proceda de indivíduos comuns, então tenho que declarar que essa prova, absolutamente impressionante, tende a tomar o caráter de crucial. E essa é a classe de provas que a Sociedade pode comunicar sobre esse assunto.

As fronteiras entre ambos os estados, o presente e o futuro, tendem a apagar-se.

Assim como, em meio ao ressoar da água e dos ruídos diversos, durante a perfuração de um túnel, ouvimos, de vez em quando, o ruído dos escavadores que vem para nós pelo lado oposto, de igual modo ouvimos, a intervalos, os golpes de nossos camaradas passados para o Além-Túmulo.”

A todos esses testemunhos eu agregarei o meu pessoal. Trinta anos de experimentação rigorosa, verificada em ambientes diversos com numerosos médiuns, me demonstraram que, se os fenômenos chamados “psíquicos” se explicam em parte pela exteriorização de forças que emanam dos vivos, uma quantidade importante deles só podem ser explicados com a intervenção de entidades invisíveis, entidades estas que são os espíritos dos mortos, que subsistem sob formas sutis, imponderáveis, cujos elementos pertencem à matéria refinada.

A explicação espírita é, pois, a única que responde, de uma maneira completa, à realidade dos fenômenos considerados em seus múltiplos aspectos. Eles nos proporcionam a prova de que um oceano de vida invisível nos rodeia, nos envolve, e que, para Mais-Além, o ser humano encontra a si mesmo na plenitude de suas faculdades e de sua consciência.

— 0 —

Fiel ao método experimental, apresento alguns fatos mais que demonstram a realidade de uma intervenção invisível e dão indicações sobre sua natureza e sua identidade. Os fatos me parecem muito mais eloqüentes que todos os comentários.

Eis aqui a cópia de uma ata que tenho à vista:

"Em 13 de janeiro de 1899, doze pessoas se reuniram em casa do senhor David, na praça Corps-Saints, 9, em Avignon, para realizar sua sessão semanal de Espiritismo. Depois de um momento de recolhimento, vimos a médium, Sra. Gallas, em transe, voltar-se para o Padre Grimaud e falar-lhe com a linguagem mímica utilizada por certos surdos-mudos. Sua rapidez de movimento era tal que rogamos ao espírito que se comunicasse mais devagar, o que ele fez em seguida. Por precaução, cuja importância se verá em seguida, o Padre Grimaud não fez senão enunciar as letras, à medida que a médium as transmitia.

Como cada letra isolada não significava nada, era impossível, ainda que desejasse, interpretar o pensamento do espírito. Pudemos conhecê-lo somente ao final da comunicação, quando esta foi lida por um dos membros do grupo encarregado de transcrever as letras.

Ademais, a médium empregou um duplo método: o de enunciar as letras de uma palavra, para indicar sua ortografia, única forma sensível aos olhos, e o de enunciar a articulação, sem ter em conta a forma gráfica, método este que o senhor Fourcade inventou e que se emprega somente no estabelecimento de surdos-mudos de Avignon. Esses detalhes foram explicados pelo padre Grimaud, diretor e fundador da dita instituição."

A comunicação, que se referia à obra altamente filantrópica, a que estava dedicado o Padre Grimaud, era assinada por Irmão Fourcade, falecido em Caen.

Nenhum dos assistentes, excetuando o venerável sacerdote, conheceu, nem pôde conhecer o autor dessa comunicação, nem seu método, embora ele tenha passado algum tempo em Avignon, faz trinta anos..."

Assinaram a ata todos os membros do grupo que assistiram àquela sessão: Tournier, diretor do Banco da França; Roussel, diretor da banda do 58º Regimento, Domenach, tenente do 58º Regimento; David, comerciante, Brémond Canuel, Sras. de Tournier, Roussel, David e Brémond.

À dita ata se anexa o seguinte testemunho:

"O infra-assinado, Grimaud, presbítero, diretor e fundador da instituição para inválidos da palavra, surdos-mudos, tartamudos e meninos anormais, de Avignon, certifica a exatidão absoluta de tudo quanto se detalha acima. Em honra à verdade, devo dizer que estava longe de esperar semelhante manifestação. Compreendo toda a importância da mesma desde o ponto de vista da realidade do Espiritismo, do qual sou fervoroso adepto, não tendo inconveniente em declará-lo publicamente.

Avignon, 17 de abril de 1899.
Firmado: Grimaud, presbítero."

Podemos citar, ademais, a aparição fotografada de um colono, relatada por W. Stead, o grande publicitário inglês desaparecido na catástrofe do *Titanic*.[2] Este colono, chamado Piet Botha, era absolutamente desconhecido de Stead, e foi reconhecido mais tarde por vários delegados da África do Sul chegados à Inglaterra.[3]

— 0 —

Falando das provas de identidade proporcionadas por mortos, Arthur Conan Doyle,[4] o grande escritor inglês, em seu livro *A Nova*

Revelação, recorda o caso de um espírito desconhecido que dizia chamar-se Manton, haver nascido em Lawrence Lydiard, e estar enterrado em Stoke Stewington, desde 1677. Demonstrou-se depois, perfeitamente, que um homem assim chamado viveu, e foi capelão de Olivier Cromwell. E acrescentava:

"Visto que Julia Ames pôde revelar ao Sr. Stead detalhes de sua própria existência nesta terra, que ele não podia suspeitar, e cuja exatidão mais tarde se comprovou, também nos encontramos inclinados a admitir como verdadeiras essas revelações cuja prova não se pôde obter.

E mais ainda, posto que Raymond Lodge pôde descrever uma fotografia, da qual não se havia encontrado nenhuma cópia na Inglaterra, e cuja amostra se encontrou absolutamente de acordo com a descrição que se havia feito dela; e se pôde nos informar, por lábios estranhos, toda a classe de detalhes de sua vida familiar, cuja exatidão comprovou e certificou seu pai, o reitor O. Lodge, não é acaso razoável supor que esse Raymond não é menos digno de fé quando descreve as fases de seu próprio gênero de vida, do que quando se comunica com seus pais?

Ou quando o Sr. Arthur Hill recebe mensagens de pessoas, cuja existência ignora, e comprova que as ditas mensagens são verdadeiras em todos os detalhes, não é uma conseqüência lógica admitir que os espíritos dizem a verdade, quando nos dão a conhecer suas novas condições de existência?"

Posteriormente, em uma conferência pronunciada em Leicester, Arthur Conan Doyle relata o seguinte fato:

"Dois amigos meus, o Reverendo Crewe e o Sr. Philips, advogado, encontraram uma noite, na Rua Oxford, em Londres, um jovem inglês em estado de embriaguez.

O padre Crewe, que é clarividente, viu a forma espiritual de uma mulher que estava de pé junto ao jovem e o olhava compassivamente. Acercando-se ambos os amigos, travaram conversação com ele e souberam que este jovem, que havia descido tanto, era sobrinho de um alto dignitário da Igreja.

O Sr. Crewe falou, ao jovem desencaminhado, da figura espiritual que havia visto, acrescentando:

– Creio que é sua mãe.

O jovem respondeu:

– O senhor a descreveu bem, exatamente como era minha mãe.

O Sr. Crewe adjuntou:

– Quando estiver melhor faremos uma pequena sessão.

A sessão foi realizada pelos três. O Sr. Crewe caiu em transe e a mãe, irmã do alto dignitário eclesiástico, tomou posse dele e falou a seu filho.

Quando o médium voltou a si, o jovem soluçava a um lado da mesa e o advogado, do outro. Explicaram então que a mãe do jovem lhe repetira as últimas palavras que havia pronunciado no momento de sua morte, acrescentando que ele havia chegado agora a uma fase de seu caminho, que no futuro tudo lhe seria melhor."

O conferencista acrescentou que havia recebido uma carta do citado jovem, dando-lhe todos esses detalhes e concluindo com estas palavras: "Este é meu tributo à causa que me salvou. Vou tratar de não recomeçar."

Ao término de sua obra, *A Nova Revelação*, Arthur Conan Doyle se eleva a altas considerações, e faz observar a influência que exercem esses fenômenos sobre o pensamento e o coração dos homens. E termina com estas bonitas palavras de Gérald Massey:

"O Espiritismo foi para mim, como para muitos outros, o alargamento de meu horizonte mental e a penetração do céu, a transformação da fé em fatos reais; sem ele não se pode comparar a vida senão a uma viagem efetuada no fundo da adega de um barco, com as escotilhas fechadas, em que o viajante não percebesse outra claridade que a de uma vela, e ao qual é permitido, em uma esplêndida noite estrelada, subir à ponte e contemplar, pela primeira vez, o prodigioso espetáculo do firmamento resplandecente da glória de Deus."

Mais recentemente, o pastor Wynn, que goza de certo renome como pregador na Inglaterra, publicou um pequeno volume, muito substancioso, em que relata toda uma série de fenômenos comprobatórios da sobrevivência de seu filho Ruperto.

Este jovem, caído gloriosamente nas linhas inglesas, durante o Grande Cataclismo, manifestou-se de diferentes maneiras, por vários médiuns que não o conheciam, nem a seu pai, em condições notáveis de autenticidade.

O Sr. Wynn, que a princípio era cético com respeito ao Espiritismo, chegou a reconhecer a sua validade, aderindo a ele publicamente.

Em continuação, reproduzimos um dos fatos assinalados em sua obra *Ruperto Vive*.

O autor se expressa assim:

"Uma noite do mês de julho de 1918, subi a um vagão de terceira classe, na estação de Marylebene (bairro de Londres) para ir a Chesham. No fundo do compartimento se achavam sentadas duas senhoras, uma de frente para outra. Pus-me a ler meu diário *The Evening Standard*. Quando o trem se aproximava de Harrow, ouvi que uma das senhoras dizia a sua acompanhante:

– Permita-me, sou espírita e médium; suponho que a senhora não terá medo, mas sua mãe está sentada ao seu lado. Ela me disse que passou para o Além recentemente, e me roga que lhe transmita algo.

Não esquecerei nunca a expressão da senhora a quem se dirigiam essas palavras inquietantes. Ficou pálida. Sem dúvida despertaram-lhe todos os seus preconceitos religiosos e, com uma disposição de espírito anticientífica, murmurou:

– Mas, eu não creio no Espiritismo. É contrário a meus princípios. Por outra parte, eu não a conheço e a senhora não conhece a mim. Como sabe a senhora que minha mãe morreu?

– Eu sei que sua mãe passou para o Além, porque ela mesma me disse, respondeu a outra. Está sentada a seu lado e, além disso, falou que a senhora se chama Gracia. (Aqui a informou de uma comunicação pessoal que fez a cética senhora trocar imediatamente de idéia. É-me impossível, por seu caráter particular, publicar essa comunicação, ainda que seja parte dessa assombrosa revelação).

Voltando-se para mim, a médium disse:

– Creio conhecê-lo. É o senhor Wynn, de Chesham, verdade? Seu filho Ruperto veio outra noite a uma de minhas reuniões e me rogou que lhe pedisse para ter uma sessão com meu marido e comigo, em sua biblioteca, e que permitisse a meu marido fotografá-lo.

A senhora me falava tranqüilamente, e de um modo muito natural, como se estivesse me oferecendo uma taça de chocolate.

– Senhora, disse-lhe, tanto minha esposa quanto eu teremos muito gosto em recebê-la.

A senhora Rice – assim se chamava a médium, – veio a Chesham com seu marido. Sentamo-nos em minha biblioteca. Essa senhora, que vive em Nara, Northwood, Middlesex, nunca havia estado em nossa casa. Eu não lhe havia dito nada de Ruperto, e tinha preparado certas perguntas para pôr à prova sua clarividência.

Fazia só alguns minutos que se havia sentado quando se manifestou W. T. Stead. Era o aspecto, os trejeitos, a voz do grande periodista, que me deu provas de sua identidade verdadeiramente incontestáveis.

Depois veio Ruperto, falando com o seu tom familiar habitual. Respondendo às minhas perguntas, mostrou o lugar da casa onde dormia, a gaveta onde colocava suas cartas. Falou da gata que uma vez trouxe do campo, pequenina, suja e meio morta, disse-nos o nome dela, a cor do pêlo, e deu uma porção de detalhes de nossa vida íntima que a médium não podia conhecer de maneira nenhuma.

Depois, obtivemos a fotografia de Ruperto, de forma tal que os peritos fotógrafos, a quem ela foi mostrada, afirmaram-me que seria impossível, com todos os seus recursos, obter um resultado semelhante. Todos os membros da família e amigos de meu filho o reconheceram imediatamente."

Como conclusão, o pastor Wynn declara:

"Antes eu acreditava na sobrevivência, só pelo ato da fé; hoje, creio nela porque sei que é certa."

Com respeito às suas convicções religiosas, acrescenta:

"Estas investigações tiveram como resultado fortificar minha crença em Cristo e nos ensinamentos do Novo Testamento. Hoje compreendo centenas de coisas da Bíblia que antes não podia compreender."

III
Natureza da Mediunidade

Chama-se mediunidade, o conjunto de faculdades que permitem ao ser humano comunicar-se com o Mundo Invisível.

O médium desfruta, por antecipação, dos meios de percepção e de sensação que pertencem mais à vida do espírito que à do homem, por isso tem o privilégio de servir de traço de união entre eles.

Temos que ver nesse estado o resultado da lei de evolução e não um efeito regressivo, uma tara, como crêem certos fisiologistas, que comparam os médiuns a histéricos e enfermos.

Esse equívoco provém do fato de a grande sensibilidade e a impressionabilidade de certos médiuns provocar em seu organismo físico perturbações sensoriais e nervosas; mas esses casos são exceções, que seria errado generalizar, porque a maioria dos médiuns possui boa saúde e um perfeito equilíbrio mental.

Toda extensão das percepções da alma é uma preparação para uma vida mais ampla e mais elevada, uma saída aberta a um horizonte mais vasto. Sob este ponto de vista, as mediunidades, em conjunto, representam uma fase transitória entre a vida terrestre e a vida livre do espaço.

O primeiro fenômeno desse gênero, que chamou a atenção dos homens, foi o da visão. Por ela se revelaram, desde a origem dos tempos, a existência do mundo do Além e a intervenção, entre nós, das almas dos mortos. Estas manifestações, ao se repetirem, deram nascimento ao culto dos espíritos, ponto de partida e base de todas as religiões. Depois, as relações entre os habitantes da Terra e do Espaço se estabeleceram das mais diversas e variadas formas, que se foram desenvolvendo através dos tempos, sob diferentes nomes, mas todas partem de um único princípio.

Por meio da mediunidade sempre existiu um laço entre ambos os mundos, uma via traçada pela qual a alma humana recebia revelações, gradualmente mais elevadas, acerca do bem e do dever, luzes cada vez mais vivas sobre seus destinos imortais.

Os grandes espíritos, por motivo de sua evolução, adquirem conhecimentos progressivamente mais amplos e se convertem em instrutores, em guias dos humanos cativos na matéria.

A autoridade e o prestígio de seus ensinamentos ficam realçados ainda mais pelas profecias, pelas previsões que os precedem ou os acompanham.

Em outra parte estudamos, detalhadamente, os diferentes gêneros de mediunidade e os fenômenos que produzem.[5]

Então pode-se ver como se estabeleceu a comunicação dos vivos e dos mortos; como se constitui essa fronteira ideal onde as duas humanidades, uma visível e a outra invisível, entram em contato; como, graças a essa penetração, se estende e se esclarece nosso conhecimento da vida futura, a noção que possuímos das leis morais que a regem, com todas as suas conseqüências e suas sanções.

Por todos os procedimentos medianímicos, os espíritos superiores se esforçam em trazer a alma humana das profundidades da matéria para as altas e sublimes verdades que regem o Universo, para que se revistam dos altos fins da vida e encarem a morte sem terror, para que aprendam a desprender-se dos bens passageiros da Terra e prefiram os bens imperecíveis do espírito.

A alma não pode achar harmonia senão no conhecimento e na prática do bem, e somente dessa harmonia é que flui, para ela, a felicidade.

Aos espíritos superiores se unem as almas amigas dos parentes mortos, cuja solicitude continua estendendo-se sobre nós, assistindo-nos em nossas dolorosas lutas contra a adversidade e contra o mal.

Assim, a mediunidade bem exercida se converte em um manancial de luzes e consolos. Por seu intermédio, as vozes do Alto nos dizem:

"Escutai nossas chamadas; vós que buscais e chorais não estais abandonados... Temos sofrido para lograr estabelecer um meio de comunicação entre o vosso mundo esquecido e o nosso mundo de recordações.

A mediunidade já não se verá enxovalhada, menosprezada, maldita, porque os homens já não poderão desconhecê-la. Ela é o único laço possível entre os vivos e nós, a quem nos chamam mortos.

Esperai, não deixaremos fechar-se a porta que temos entreaberta para que, em meio às vossas dúvidas e vossas inquietudes, possais entrever as claridades celestes."

— 0 —

Depois de haver mostrado o grande papel da mediunidade, convém assinalar as dificuldades que existem em sua aplicação. Em primeiro lugar são escassos os bons médiuns, não porque lhes faltam faculdades notáveis, mas por ficarem logo sem utilidade prática por falta de estudos sérios e profundos.

Muitos médiuns se escondem nos círculos íntimos, nas reuniões familiares, ao abrigo das exigências exageradas e dos contatos desagradáveis.

Quantas jovens de organismo delicado, quantas senhoras que conhecemos, retraídas pelo temor à crítica e às más línguas, afogam e perdem bonitas faculdades medianímicas por não empregá-las bem, com uma boa direção!

Os adversários do Espiritismo sempre se dedicaram a denegrir médiuns, acusando-os de fraude, procurando fazê-los passar por neuróticos e tratando, por todos os meios, de desviá-los de sua missão; sabendo que o médium é condição essencial dos

fenômenos, esperam, desse modo, destruir o Espiritismo em seu alicerce.

É importante que façamos fracassar essa tática e, para isso, temos de dar ânimo e ajuda aos médiuns, rodeando o exercício de suas faculdades de todas as precauções necessárias.

A guerra ceifou milhões de vidas em plena juventude e virilidade. As epidemias, os açoites de todas as classes, deixaram enormes vazios no seio das famílias. Todos esses espíritos tratam de se manifestar àqueles a quem amaram na Terra, para provar-lhes seu afeto, sua ternura, para secar suas lágrimas, para acalmar suas dores.

Por outra parte, as mães, as viúvas, as noivas, os órfãos, todos estendem suas mãos e seus pensamentos para o céu, na angustiosa espera de notícias de seus mortos, ávidos de recolher provas de sua presença, testemunhos de sua sobrevivência.

Quase todos possuem faculdades latentes e ignoradas que poderiam permitir-lhes estabelecer relações com seus mortos.

Por todas as partes existem possibilidades de se estabelecer um elo entre essas duas multidões de seres que se buscam, se atraem e desejam fundir seus sentimentos e seus corações em uma comum harmonia.

O Espiritismo e a mediunidade são os únicos que podem realizar essa doce e santa comunhão e trazer, a todos, a paz, a serenidade da alma que dá fortaleza e convicção.

É sobretudo entre essas vítimas da guerra cruel, no seio do povo, entre os humildes, os pequenos, os modestos, que se há de buscar os recursos psíquicos que permitam aos nossos amigos do espaço proporcionar-nos provas da persistência de sua vitalidade e da nossa reunião futura.

Quantas faculdades dormem silenciosamente no fundo desses seres, esperando a hora de florescer, de produzir frutos de verdade e de beleza moral!

Neste aspecto, grande é a tarefa que cabe aos espíritos esclarecidos, aos abnegados crentes, aos apóstolos da grande doutrina.

Seu dever é sacudir a indiferença de uns, a apatia de outros, ir ao encontro de todos esses agentes obscuros da obra de renovação, instruí-los, pôr em ação os recursos escondidos, as riquezas insuspeitadas que possuem e conduzi-los ao fim assinalado.

Para cumprir essa tarefa, há que se possuir ciência e fé. Graças a esta última, e por análogos procedimentos, os apóstolos dos primeiros tempos do Cristianismo suscitaram ao seu redor "os milagres" e, com eles, o entusiasmo religioso que devia transformar a face do globo.

Em nossos dias, é necessário não somente a fé ardente, mas também o conhecimento das leis precisas que regem os mundos visível e invisível com o fim de facilitar sua harmonia, sua recíproca interpretação, separando da experimentação os elementos de erros, de perturbação e de confusão.

Com um adestramento gradual, veremos ampliar-se o círculo das percepções e das sensações psíquicas, e ficará evidenciada a mais imponente certeza da perenidade do princípio vital que nos anima.

A alma humana aprenderá a conhecer as sombras e os esplendores do Mais-Além e, neste conhecimento, achará uma trégua para suas dores e um manancial de força na desgraça em frente à morte.

IV
Prática da Mediunidade

O estudo e aplicação das faculdades medianímicas são de capital importância, já que, segundo o uso que se faça desses dons, podem resultar em um bem ou em um mal para quem os possua e para a causa que pretenda servir.

O Espiritismo é uma arma de dois gumes: arma poderosa – com o apoio dos espíritos elevados – para combater os erros, a mentira e todas as misérias morais da humanidade; mas também uma arma perigosa pela ação dos espíritos inferiores e maus. Nesse caso, pode voltar-se contra os médiuns e os experimentadores e ferir-lhes a saúde e a dignidade, causando desordens graves.

Na experimentação espírita, tudo depende dos invisíveis. A natureza e a qualidade de sua ação variam segundo o valor das entidades que se manifestam.

Os espíritos elevados derramam, sobre nós, fluidos puros e benéficos, que reconfortam nossas almas e acalmam nossas dores, predispondo-nos à bondade e à caridade. Em nosso relacionamento com eles, obtemos as forças necessárias para vencer nossos defeitos e nos aperfeiçoarmos.

As manifestações dos espíritos inferiores podem ser úteis pelas provas de identidade que proporcionam, mas, sem demora, seus fluidos pesados e maus alteram o estado de saúde dos médiuns, turvam seu juízo e sua consciência e, em certos casos, desembocam na obsessão e na loucura.

As trágicas cenas descritas pelo Dr. Paul Gibier em seu livro *Espiritismo* ou *Faquirismo Ocidental*, das quais quase termina vítima, e os exemplos que encontramos um pouco em todas as partes, nos demonstram, até à evidência, os riscos que se corre ao se estabelecer relações continuadas com os levianos do espaço.

Praticar o Espiritismo sem rodear-se de precauções necessárias equivale a abrir a porta, de par a par, para os assaltantes de rua.

Recordemos em que consistem as precauções indispensáveis. Antes de cada sessão, há que se invocar os espíritos guias e assegurar uma proteção eficaz que, afastando as más influências, estabeleça no ambiente invisível a mesma disciplina que o presidente do grupo deve impor aos assistentes.

Com este fim, Allan kardec recomenda a oração e nós não titubeamos em insistir nesse sentido.

Sem dúvida que, como a ele, nos chamarão de místicos, mas o que fazemos é observar e aplicar a lei universal das vibrações, que une todos os seres e todos os mundos e os liga a Deus.

A Ciência começa apenas a balbuciar os primeiros elementos dessa lei com o estudo da radioatividade dos corpos, com a aplicação das ondas e correntes à longa distância. Mas, à medida que prossiga nas investigações do Invisível, comprovará sua maravilhosa harmonia e suas vastas conseqüências.

A partir deste ponto de vista, lhe estão reservados esplêndidos descobrimentos, porque nisso reside todo o segredo da vida superior, da vida livre do espírito no Espaço e as regras de suas manifestações.

Com o pensamento e a vontade podemos pôr em movimento todas as forças escondidas em nós mesmos. Nossas irradiações fluídicas se impregnam das qualidades ou dos defeitos dos pensamentos e criam, em torno de nós, um ambiente de conformidade com nosso estado de alma.

Como a oração é a expressão mais alta e mais pura do pensamento, traça uma via fluídica que permite às entidades do Espaço descerem até nós e se comunicarem; nos grupos ela constitui um meio favorável à produção de fenômenos de ordem elevada, ao mesmo tempo que preserva contra os maus espíritos.

Para que seja eficaz e produza todo o efeito desejado, a oração deve ser um chamamento ardente, espontâneo e, por conseguinte,

de breve duração: pelo contrário, as orações vulgares, recitadas da boca para fora, sem calor comunicativo, não produzem senão irradiações débeis insuficientes.

Fácil, portanto, será compreender a necessidade de que haja, nas sessões, união de pensamentos e vontades. Deve-se ter presente, sobretudo, a importância que exercem nas emissões fluídicas os sentimentos de fé, de confiança, de desinteresse, em uma palavra: todas as qualidades morais, as facilidades que elas dão aos bons espíritos, de par com os obstáculos que opõem à ação dos espíritos mal-intencionados.

E, tudo isso, sem excluir o livre exame e as condições de controle que nenhum observador deve abandonar jamais.

Tão pouco há que se surpreender se os resultados obtidos são relativamente trabalhosos e pobres em ambientes em que reina uma atmosfera de ceticismo, onde se pretende dar ordens aos fenômenos e aos espíritos, e nos que, sem saber, criam travas às manifestações de ordem elevada.

Ademais, o presidente de cada grupo deve esforçar-se em obter silêncio e recolhimento durante as sessões, e evitar as perguntas inoportunas e demasiado pessoais, que pretendam dirigir aos espíritos, para manter, dentro do possível, a união dos pensamentos e das vontades, dirigindo-os para uma finalidade comum.

Os pensamentos divergentes e as preocupações materiais formam correntes desencontradas, uma espécie de caos fluídico, que dificulta a intervenção dos guias, enquanto que a concordância de intenções e de sentimentos estabelece a fusão harmônica dos fluidos e cria um ambiente propício à sua ação.

A sessão deve terminar com algumas palavras de agradecimento aos espíritos protetores e convidando os participantes a aproveitar os ensinamentos recebidos, praticando a moral que deles se deriva.

Com suas críticas, nossos contraditores inexperientes demonstram, com freqüência, sua escassa competência nestes assuntos. Mas, por outro lado, todos os magnetizadores conhecem a

propriedade que têm os fluidos de refletir exatamente nosso estado de ânimo e sabem imprimir-lhes, às vezes, qualidades benéficas e curativas.

Também é possível demonstrar, experimentalmente, a existência e a variedade infinita desses fluidos que diferem em cada personalidade.

Pode-se facilmente tirar placas fotográficas com as irradiações que se desprendem de nossos cérebros, e registrar os fluidos que variam segundo as disposições pessoais.

— 0 —

O exercício da mediunidade encontra dois obstáculos temíveis: o espírito de lucro e o orgulho. (Quantos médiuns começaram animados de um sincero desejo de servir à nossa causa e terminaram, por causa do orgulho, por cair no ridículo, convertendo-se em motivo de zombaria para todos!)

A satisfação de si mesmo é perfeitamente legítima, quando é o resultado de qualidades ou de méritos adquiridos por meio de trabalho ou estudos prolongados. Como sentir orgulho por uma faculdade que veio do Alto e que não precisou de gastos nem esforços?

O orgulho é o que inspira essas rivalidades, essa inveja mesquinha entre médiuns, causa freqüente de desunião em alguns grupos. É preciso que cada um se contente com o que recebe.

Quando o médium está isento de vaidade, é franco de coração, e, com a sinceridade de sua alma, aos olhos de Deus, oferece seu concurso aos bons espíritos, estes se apressam em assisti-lo e o ajudam a desenvolver suas faculdades.

Cedo ou tarde levam até junto dele os parentes falecidos, os amados mortos, reatando-se uma doce intimidade, fonte de alegrias e consolos. Pouco a pouco o médium vai se tornando o artífice bendito da obra de renovação. Recebe e transmite as instruções que iluminam a vida e traçam a via de ascensão para todos,

proporcionando, assim, a ajuda moral que faz mais fácil o dever e mais suportável a prova.

Assim, com os ensinamentos dos espíritos, a noção de justiça se estenderá pelo mundo. Ao saber que viemos quase todos para expiar faltas anteriores, o homem não se mostrará tão inclinado a murmurar contra a sua sorte, e seu pensamento se elevará acima das misérias deste mundo, evitando que seus atos ou suas palavras aumentem o peso das injustiças que sobre si recaem. Então a vida social poderá melhorar, e a humanidade adiantará um passo.

Todas essas humildes vidas de médiuns que, a não ser por isso, ficariam obscuras e insignificantes, se verão enriquecidas pela missão recebida, iluminadas por um raio divino e se converterão em elementos de progresso e de regeneração.

O contato com o Invisível, com as almas puras e grandes, aumenta as faculdades psíquicas e multiplica os meios de percepção. Nas sessões bem dirigidas, o médium percebe, cada vez mais, as irradiações, os fluidos dos mundos superiores. Experimenta uma dilatação de seu ser, uma soma de gozos que escapam à análise e que são, como uma antecipação da vida espiritual, um prelúdio da vida do espaço. É uma compensação oferecida, já nesta existência, às fadigas e trabalhos pelo exercício da mediunidade.

— 0 —

O médium sincero, leal, desinteressado – como dizíamos – pode estar seguro da assistência dos bons espíritos; mas se ele se deixar invadir pelo amor ao lucro, ou pelo orgulho, os Espíritos Guias se afastam e deixam o caminho aos espíritos fracos e atrasados. Então, aumentam os enganos e as fraudes. Aparecem mensagens firmadas com nomes pomposos de estadistas, reis, imperadores ou poetas célebres, porém, quando se passam essas comunicações pela peneira da razão e da reflexão, nos damos conta de que somos vítimas de uma fraude.

Não é que queiramos dizer que esses grandes espíritos não se comunicam nunca, mas aconselhamos a maior prudência neste ponto, pois sabemos, por experiência, que os espíritos elevados, que tiveram nomes ilustres na Terra, não gostam de vangloriar-se deles, preferindo manifestar-se com nomes alegóricos e pseudônimos. Vários médiuns contribuíram, dessa maneira, a desnaturar o Espiritismo.

Allan Kardec, pela retidão de seu caráter, a dignidade de sua vida e pela elevação de seus pensamentos, teve o privilégio de atrair espíritos nobres e elevados. Leiamos e meditemos seus livros, que são a expressão da mais pura sabedoria e verdade.

Por exemplo, em suas obras este grande escritor sempre se levantou, com vigor, contra o princípio da mediunidade assalariada, como causa de abusos inumeráveis.

Recordemos, antes de mais nada, que a mediunidade é variável, inconstante e pode desaparecer tal como veio. Não exige estudos prévios, nem usa laboriosa preparação como na aquisição de uma arte, de uma ciência, etc. É um dom que é retirado, quando se abusa dele.

Os exemplos disso são freqüentes. A mediunidade, cujos resultados são muito diferentes segundo os lugares, o ambiente e a proteção oculta, e são com freqüência negativos, pouco serviria a uma utilização regular e contínua. Os guias sérios, os espíritos elevados não se prestariam a isso.

Admitimos, não obstante, que os sábios e os experimentadores que se servem das faculdades de um médium e monopolizam seu tempo, firmem com ele um compromisso e o indenizem por suas viagens e pelas horas perdidas. Assim mesmo, consideramos que os grupos devem aos médiuns, depois de prolongados serviços, mostras de simpatia e atenção, com a condição de que isso não atente contra o princípio da mediunidade gratuita e desinteressada.

Poderá alegar-se que faz cinqüenta anos que Allan Kardec faleceu; que as circunstâncias mudaram, que o Espiritismo se estendeu, e a Ciência começa a interessar-se por seus fenômenos,

sendo, portanto, conveniente proporcionar os meios que lhe permitam comprovar e confirmar tais fenômenos.

A isto responderemos que os conceitos formulados por Allan kardec não perderam nada de sua oportunidade. E, precisamente porque o Espiritismo se estende e está chamado a representar um grande papel, porque leva a si os elementos de salvação e de regeneração, é que se há de preservá-lo de toda mancha e evitar, quanto possa, diminuir seu valor e sua beleza. Porém, o que é incontestável é que todo tráfico inspira desconfiança. O afã de ganhar leva ao charlatanismo e ao engano. Quando o médium adquire o costume de tirar proveito material de suas faculdades vai resvalando, pouco a pouco, para a fraude porque, se os fenômenos não se produzem, procura imitá-los.

Em todas as partes em que o Espiritismo é objeto de comércio, os espíritos sérios se afastam e os espíritos inferiores vêm ocupar seu lugar.

Nesses ambientes, o Espiritismo perde toda a influência benfeitora e moralizadora para converter-se em um verdadeiro perigo, em uma exploração da dor e das recordações dos mortos.

Em resumo, repetimos aos espiritistas e aos médiuns em vossas reuniões, pratiquem sempre o recolhimento e a oração; que esta seja como um facho luminoso que alcance diretamente seu fim, e atraia os bons espíritos; se não for assim, não virão as almas que desejam, não virão vossos mortos queridos.

Não façais de vossas sessões um objeto de diversão, de curiosidade, um espetáculo para boquiabertos, mas um ato grave e solene, um ato de cultura intelectual e moral. Não atraiam os espíritos de ordem inferior, cujos fluidos podem alterar vossa saúde e provocar casos de obsessão. Não evoqueis vossos guias, senão com a consciência de que o fazeis com respeito.

Todos têm sua missão a cumprir no Mais-Além; suas ocupações são múltiplas e absorventes. Sua vida está muito distante de ser a beatitude sonhada; é uma atividade constante, uma dedicação abnegada para todas as grandes causas.

Seus ensinamentos, seus conselhos os ajudarão a suportar as vicissitudes da existência terrena, eles vos darão a certeza de novas vidas futuras, vidas de trabalho, de purificação, de dever, por meio das quais vossas almas, ao se fazerem mais tolerantes, subirão um dia para essas esferas luminosas, nas quais começarão a desfrutar as alegrias do Infinito.

— 0 —

Neste momento, levanta-se sobre o mundo uma grande esperança, começa a despontar uma nova aurora para o Pensamento e para a Ciência. O Espiritismo, que se baseia na verdade, é imperecível, mas sua marcha pode se ver entorpecida pelos erros e faltas de seus próprios partidários, muito mais do que pela oposição e manejos de seus adversários.

Chagará um dia em que tudo quanto ensinam os espíritos, faz quase um século, sobre o perispírito, os fluidos, a sucessão de existências, tudo será admitido como certo e confirmado pela Ciência.

Reconhecer-se-á então a importância da oração na comunicação universal dos seres. E as ladainhas monótonas e intermináveis da Igreja cessarão, para dar lugar ao grito da alma para seu Pai, ao chamamento ardente do ser humano àquele de quem tudo emana e para quem tudo volta eternamente.

Quando tal dia chegar, a Religião e a Ciência se fundirão em uma concepção mais ampla da vida e do destino. O Espiritismo será o culto da família; o pai, mais instruído, mais culto, substituirá o sacerdote; a esposa e as filhas serão as médiuns por cujo intermédio os antepassados, as almas dos avós se manifestarão e assegurarão sua influência moral. Será o retorno à religião franca e primitiva, enriquecida pelo progresso e a evolução dos séculos; sobre esse culto familiar cimentar-se-ão as imponentes reuniões e as mais altas manifestações da ordem estética.

Entretanto, para que o Espiritismo realize todo o seu programa renovador, terá que afastar de seu seio os germes mórbidos e todos

os elementos maus que poderiam entorpecer ou deter seu impulso. Deste modo, a responsabilidade dos espíritas é grande. Eles devem evitar, com cuidado, tudo quanto possa retardar o grandioso florescimento de nossas crenças e de seus efeitos moralizadores.

O Espiritismo, depois de haver sido, tanto tempo, repudiado, menosprezado, se impõe definitivamente pelo poder de seus fatos e pela beleza moral de sua doutrina. Converteu-se numa força radiante que se estende progressivamente pelo mundo.

Depois das provas de uma guerra de cinco anos, depois do luto e do vazio causado por tantas partidas, muitos olhares chorosos se voltam para ele.

Nós, que temos conhecido as dificuldades e os sofrimentos do princípio, comprovamos, com alegria, este imenso impulso que leva as almas para nossas crenças. Contudo, para assegurar a difusão e o triunfo definitivo, para obter o respeito de seus adversários e desempenhar o papel salvador que lhe corresponde na obra de ressurgimento da pátria, o Espiritismo deve cumprir uma condição absoluta, sem a qual não é possível êxito algum, e esta condição não é outra senão a de ser sempre honrado, seguindo as tradições de seu venerado fundador.

V
Análise da Mediunidade

O fenômeno da mediunidade é complicado e exige certas explicações. Todos os que estudaram alguma coisa das ciências ocultas sabem que o homem tem um organismo fluídico invisível, invólucro inseparável da alma, que progride, se aperfeiçoa e se purifica com ela.

O corpo físico, com seus cinco sentidos, é apenas a sua representação grosseira, o seu prolongamento no plano material. Os sentidos psíquicos, sufocados debaixo da carne na maioria dos homens, recobram uma parte de seus meios de ação e de percepção, durante o sono e depois da morte.

Este invólucro sutil é, na realidade, nossa verdadeira forma indestrutível, anterior ao nascimento e sobrevivente à morte. Ele é o assento permanente das faculdades do espírito, enquanto que o corpo material é simplesmente uma espécie de vestimenta emprestada.

Esta forma elástica e comprimida explica o fenômeno do crescimento por sua ação sobre o corpo da criança, que ele faz desenvolver até que alcance seu tamanho normal.

A mediunidade é o poder que possuem certos seres de exteriorizar esses sentidos profundos da alma que, na maioria de nós, permanecem inativos e guardados durante a vida terrestre; é uma maneira de penetrar, por antecipação, no mundo dos espíritos.

Em muitos casos, não são os espíritos que vêm ao médium, mas este que vai até eles. A célebre vidente de Prevorst[6] queixava-se, um dia, de que os espíritos se metiam em sua vida íntima. E estes a contestaram: "Não somos nós que viemos a ti; és tu que vens a nós."

A mediunidade é, pois, por excelência, a reveladora das potências da alma; é também, um resumo de nosso modo de vida e

de percepção do Mais-Além. Desta forma apresenta um duplo interesse.

A participação do médium em muitos fenômenos é grande e não se pode desconhecer que, geralmente, sua personalidade desempenha neles um certo papel. Mas, à medida que suas faculdades se desenvolvem, torna-se mais consciente da parte que se lhe pode atribuir e da que corresponde aos espíritos, especialmente nos fenômenos de escrita.

Entre os médiuns em desenvolvimento, o cérebro é comparável a um teclado incompleto, ou melhor dizendo, a uma placa fotográfica desigualmente sensibilizada, que registra de uma forma imperfeita as imagens e os pensamentos que deve reproduzir.

O pensamento do espírito não está representado senão por trechos de frases e fragmentos de idéias. Impõe-se, pois, para ele, a necessidade de encher as lacunas, utilizando termos e imagens tomados dos costumes do médium.

Em muitos fenômenos, dizemos, se encontra uma parte atribuída ao médium, ao seu próprio fundo de idéias, de conhecimentos e de expressões.

Com efeito, entre pensar e expressar-se com o próprio cérebro e fazê-lo por intermédio de um cérebro estranho, há uma grande diferença.

Nosso órgão cerebral está adaptado, por um prolongado e constante adestramento, à nossa mentalidade pessoal e revela um dos aspectos de nosso "eu". Não ocorre o mesmo com um cérebro estranho, e temos que compreender as dificuldades que experimentam certos espíritos para se comunicarem de modo tão claro e preciso como quando estavam na Terra.

Essa dificuldade, que é muito acentuada nos fenômenos de escrita, se encontra, também, ainda em menor grau, nos fenômenos de incorporação. Assim, nosso guia, que dispõe de uma vontade e de uma força psíquica excepcionais, e que sabe tomar plena posse dos médiuns que utiliza, serviu-se algumas vezes de termos

graciosos, que não lhe eram familiares e que tirava do vocabulário do médium.

— 0 —

A espessa cortina que nos separa do Além-Túmulo permanece impenetrável para o homem revestido de seu manto carnal; porém, o espírito exteriorizado do médium, assim como o espírito livre do morto, pode atravessá-la com a mesma facilidade com que um raio de sol atravessa uma teia de aranha.

É suficiente somente a exteriorização de um só de seus sentidos psíquicos, para que o médium perceba os ruídos, as vozes e todas as formas do mundo invisível.

A intervenção dos espíritos não é, pois necessária em certos fenômenos, como os de visão e audição.

Porém, se o médium é capaz de penetrar no Além-Túmulo por suas próprias faculdades, não seria incapaz de transmitir aos vivos as mensagens dos habitantes dessas regiões.

Inclusive, pode, nos casos de incorporação, proporcionar-lhes os meios de se manifestarem aos humanos, com tanta precisão e intensidade como se o tivessem feito durante sua permanência na Terra, com seu próprio organismo.

O fenômeno da incorporação permite aos espíritos dar-nos provas de identidade mais abundantes e mais convincentes que qualquer outro dos procedimentos de comunicação. Os que conheceram o morto não podem confundir-se: a voz, os trejeitos, as idéias emitidas constituem outros tantos elementos de certeza no que concerne à personalidade do manifestante, especialmente quando se sabe que o médium não pôde conhecê-lo, nem recorrer a nenhum informe sobre sua maneira de ser e seus costumes.

Eu pude dispor, durante mais de trinta anos, de uma excelente médium falante, por meio da qual podia comunicar-me com o Além-Túmulo e receber as instruções necessárias para prosseguir meus trabalhos.

Tive a desgraça de perder esta médium nos fins de 1917 e, desde então, tornaram-se bastante limitadas as relações com meus guias.

Depois de anos de uma privação cruel, num certo dia de verão, vi chegar duas senhoras, parisienses, portadoras de uma carta de recomendação do senhor Leymarie, e que vinham passar um mês de férias em Touraine. Eram-me completamente desconhecidas.

Durante o transcurso de uma conversação, falando de um cego, meu amigo, que havia obtido comunicações escritas, estas senhoras expressaram o desejo de vê-lo trabalhar. Organizei uma pequena sessão.

Ignorava eu, todavia, que uma delas era médium, pois não me havia dito nada. Assim, minha surpresa foi grande quando logo a vi caída, em transe, e ouvi uma voz forte que anunciava a presença de meu guia, do poderoso espírito cujos sábios conselhos e terna solicitude me dirigiram e sustentaram sempre em minhas tarefas de propagandista.

Durante a conversação que entabulamos, de quase uma hora, esse espírito me expôs seus pontos de vista acerca da situação do Espiritismo, falando-me de nossos trabalhos comuns no passado com detalhes minuciosos, que a médium não podia conhecer em absoluto. Todos os assistentes, que há muito haviam participado das sessões que descrevi em meu livro *No Invisível*, reconheceram Jerônimo de Praga, enquanto a médium ignorava completamente tudo quanto se referia a esse espírito eminente.

Após alguns instantes de repouso, outra entidade, inteiramente diferente, se comunicou e pudemos ouvir a doce voz da senhora Forget, que era a médium preciosa a quem me refiro mais acima, já liberada então de seus laços terrestres.

Com aquela jovialidade que a caracterizava fez com que, em seguida, seus amigos presentes a reconhecessem e nos disse que, vendo-me privado, em conseqüência de sua partida, de toda relação com o Além-Túmulo, pôs-se em campo, “pulando como um rato”. À força de procurar, havia terminado por descobrir uma médium

capaz de substituí-la. Ajudada por Jerônimo de Praga, havia sugerido à dita senhora que viesse a Tours, para se pôr à minha disposição.

Ambas as senhoras parisienses acreditavam perfeitamente, ao virem à minha casa, que realizavam suas próprias intenções. O que demonstra, uma vez mais, que os homens cedem, mais rapidamente do que geralmente crêem, à influência dos espíritos.

No transcurso da mesma sessão, um incidente veio proporcionar-nos uma notável prova de identidade. Um de nossos médiuns escreventes registrou, com ajuda de um benevolente espírito, a queixa de um suicida que implorava a ajuda de nossas orações. Esse suicida lamentava sua situação dolorosa em ternos que permitiram reconhecê-lo.

Uma senhora vizinha, que veio convidada por um membro do grupo e assistia pela primeira vez a uma reunião espírita, manifestou a princípio seu ceticismo acerca dos fenômenos obtidos. Porém, ao ler a última comunicação, empalideceu, perturbou-se e declarou que se tratava de seu pai, de seu próprio pai, que se havia enforcado, há alguns meses, em conseqüência de reveses de fortuna. Este fato foi confirmado posteriormente por outros habitantes da mesma localidade.

Afirmei que o Espiritismo é a religião da família. Com efeito, as relações constantes que ele nos permite manter com nossos queridos mortos são, em nossa vida, outros tantos elementos de força moral e de elevação.

Nossas reuniões íntimas são sempre um doce consolo e conforto. Por exemplo: em 2 de novembro passado, Dia dos Mortos, nos reunimos em uma sessão na qual, por dois médiuns em transe, nossos queridos invisíveis vieram, uma vez mais conversar conosco.

Enquanto as multidões invadiam os cemitérios, em busca de uma forma tangível de recordação, nós comungávamos com nossos amigos do Espaço, no recolhimento do pensamento e na doce intimidade do coração.

Depois dos ensinamentos de Jerônimo de Praga e de Allan Kardec, escutamos as narrativas humorísticas de Massenet.

Logo presenciamos uma cena emotiva na qual o espírito da mãe de um amigo nosso, cego, veio proporcionar, a seu filho e à sua nora, advertências e ternas exortações que lhes arrancaram soluços. Deu-lhes conselhos preciosos acerca de uma situação delicada. E tudo isso por intermédio de um médium que não havia conhecido o dito espírito.

Numa palavra, tivemos durante algumas horas toda a gama de sensações e emoções em uma linguagem que ia do grave ao doce, do gracioso ao severo, e que no causou uma profunda impressão. Ao nos separarmos, sentimos que os laços que nos uniam à nossa família espiritual haviam se estreitado ainda mais e que algo da serenidade dos grandes espaços havia descido às nossas almas.

— 0 —

O fenômeno espírita, dizíamos, varia de natureza e de intensidade segundo as aptidões dos médiuns. Se, na ordem dos fatos materiais, o espírito busca sobretudo os médiuns depositários e transmissores de forças radiantes, na ordem intelectual dedicará sua atenção, de preferência, aos que, por terem uma certa cultura, lhe oferecem recursos mais amplos para a eclosão de expressões e idéias.

É muito difícil a um espírito produzir mensagens de forma literária ou científica por meio de um cérebro inculto. Se, com um grande esforço de vontade, pode fazer expressar, por esse cérebro, nomes, palavras, datas que não se acham registrados de antemão, não lhe é possível prolongar esse esforço por muito tempo.

“Quando se nos oferecem uma corneta, dizia um espírito, não podemos obter dela os sons de uma harpa.”

Outro se servia da seguinte comparação: “Nós experimentamos, ao nos servirmos de um cérebro inculto, a mesma repugnância com que uma delicada mão de mulher se serve de um enorme ferrolho enferrujado.”

Acontece, às vezes, nas sessões, que vários médiuns escreventes obtêm simultaneamente mensagens firmadas com o mesmo nome, expressando idênticas idéias, embora com formas diferentes. Por isso, entre os assistentes, se fazem muitos comentários salpicados de suspeitas e de críticas. Temos que colocar esses fatos entre as fraudes e as imposturas ou ver neles a intervenção de espíritos pouco escrupulosos?

Eis aqui o que nos diz, a esse respeito, um de nossos guias:

"A telegrafia sem fios revelou que uma faísca elétrica, produzida por corrente de alta freqüência, envia ondas em todas as direções. E estas ondas podem ser captadas por aparelhos receptores dispostos igualmente em todas as direções. Portanto, uma mesma mensagem pode ser percebida, ao mesmo tempo, por vários ouvintes. Este fenômeno se baseia numa lei que se aplica também às emissões fluídicas. Estas, no lugar de serem produzidas por um dínamo, podem sê-lo por um pensamento dirigido voluntariamente, de certa maneira. Um espírito encarnado ou desencarnado pode, pois, produzir, em determinadas condições, uma chispa exatamente igual à das correntes de alta freqüência e enviar ondas em todas as direções. Estas ondas podem ser percebidas por sensitivos encarnados ou desencarnados que façam o papel de receptores. Um espírito desencarnado pode influir perfeitamente, segundo essas leis, e no mesmo instante, sobre vários médiuns, sem se mover do plano que habitualmente ocupa. Assim poderá enviar uma mensagem escrita, uma mensagem visual (transmissão de imagens por televisão), uma mensagem auditiva, etc., conforme os médiuns que receberam a sua influência, e, como as faculdades intelectuais são mais sensíveis em nosso plano do que no vosso, poderá ditar a seus médiuns várias mensagens de diferentes teores, sem ter necessidade de, por isso, se deslocar."

— 0 —

Quanto ao problema da subconsciência, que tem sido complicado e enrolado à vontade, ele se resume simplesmente à

ação, em nós e fora de nós, desse centro psíquico do qual já falamos, onde se fundem, em um único sentido, todos os meios de percepção e de sensação da alma. Inconsciente, subconsciente, subliminal, ego superior, são apenas palavras para designar um mesmo princípio, o centro de nosso "eu", de nossa inteligência, de nossa consciência plena e íntegra.

Por seu desprendimento parcial ou total do corpo físico, esse centro recobra seu poder de irradiação e, ao mesmo tempo, se despertam nele as recordações, os reconhecimentos, as aquisições adormecidas em estado de vigília e que os séculos passados foram acumulando no fundo do ser. Nessas condições, o médium pode penetrar nos mundos visível e invisível e recolher e transmitir seus ecos, seus rumores, seus ensinamentos.

A telepatia, a psicometria, a premonição, a leitura do futuro, os fenômenos da intuição e até certos fatos de ordem magnética se referem a esta forma de ação. A mediunidade constitui, pois, a possibilidade de irradiar nossas forças e nossos sentidos ocultos. nesse estado, o médium oferece mais facilidade e rapidez ao espírito para manifestar-se.

Nos fenômenos de escrita, o espírito pode dirigir-se seja ao subconsciente, seja à consciência normal do médium. O subconsciente, no primeiro caso, transmite ao cérebro as sugestões do manifestante, porém, o médium não perceberá tão vivamente a personalidade estranha que se manifesta nele. Então, sua influência pessoal será preponderante e inevitável.

O médium pode, pois, entrar em relação com o Além-Túmulo de duas maneiras: por dissociação de seu centro psíquico, que lhe permite exercitar seus sentidos no Mundo Invisível e penetrar em seus mistérios, ou pela ação direta dos espíritos sobre seu organismo fluídico, por meio de transe, da escrita, da mesa, da prancheta, etc. O primeiro procedimento é o mais eficaz, porque sua aplicação repetida aumenta pouco a pouco o poder de irradiação do médium e lhe abre o acesso aos planos superiores;

assim adquire a plenitude de seu "eu" pela união íntima da consciência superior com a consciência física.

Por outro lado, essa é a finalidade geral da evolução da alma: ampliar incessantemente o campo de suas irradiações e de suas percepções; ao mesmo tempo é uma forma de preparação para a vida no Espaço, a possibilidade de gozar suas profundas alegrias e sua harmonia sublime.

— 0 —

Na realidade, pode-se dizer que a mediunidade preenche toda a História. Ela é um dos focos que iluminam, de século em século, a marcha da humanidade.

Os inventores, os poetas, os escritores célebres, quase todos aqueles a quem classificamos de gênios, tinham os sentidos psíquicos mais desenvolvidos e recebiam as inspirações de altas entidades do Espaço. Parece como se um vasto programa se desenvolvesse através do tempo. As invenções, os descobrimentos se sucedem numa ordem prevista para marcar as etapas da civilização.

Neste imponente rol, a mulher tem uma parte considerável, sem falar de Joana d'Arc, cuja missão salvou a França no século XV, missão que estudamos em outra parte[7], com todos os detalhes; recordemos sobre esse ponto a opinião de Paracelso, o grande médico do Renascimento. Depois de lançar ao fogo seus livros de Medicina, declara: "É das bruxas que aprendi tudo quanto sei de prático e benéfico." Michelet, em *La Sorcière*, se exprime da mesma forma. Sabido é que na Idade Média, e durante o Renascimento, todos os médiuns eram considerados como bruxos. Ainda hoje assim é, entre as mulheres de quem citamos as mais notáveis faculdades psíquicas.

Recordemos também que os grandes predestinados, os profetas, os fundadores de religiões, todos os mensageiros da verdade e do amor mantiveram comunicação com o Invisível. Graças a eles se estendeu pelo mundo o pensamento divino. Suas palavras e seus

ensinos brilham como relâmpagos em nossa noite e formam outras tantas brechas sobre o desconhecido, sobre o Infinito.

Podem comparar-se a esses clarões que se produzem entre as nuvens quando há tempestades, mostrando-nos o céu azul profundo, luminoso, para ocultar-se em seguida. Porém, esse instante basta para nos permitir entrever a vida ascensional e a grande hierarquia das almas que se escalonam na luz, de círculo em círculo, de esfera em esfera, até Deus.

Em torno de nós flutua, na atmosfera, a multidão de inúmeras almas inferiores e atrasadas, presas por seus fluidos grosseiros à esfera de atração da Terra e de cujos vícios não se livraram com a morte. Porém, acima dos tristes horizontes do nosso globo, plainam as legiões de espíritos protetores, benfeitores, de todos aqueles que só esperam pelo bem, pela verdade, pela justiça. A escala das inteligências e das consciências vai graduando-se até às almas poderosas e radiantes, depositárias das forças divinas. Às vezes, essas altas entidades interferem na vida dos povos. Não o fazem sempre de um modo tão notório como na epopéia de Joana d'Arc. Geralmente, sua ação é de menos relevo, mais obscura, porque se as potências invisíveis, se Deus mesmo desejam ser conhecidos, também desejam que o homem faça seu esforço e lute para conhecê-los.

Quanto à eleição dos meios e formas que esses grandes seres utilizam, temos que recordar que nosso saber é muito restrito e nossas medidas muito curtas para abarcar os vastos planos do Invisível. porém, os fatos aí estão incontestáveis, inegáveis, como pudemos ver no transcurso da guerra passada.

De tempos em tempos, através da obscuridade que nos envolve, no fluxo e refluxo dos acontecimentos, nas horas decisivas da História, quando uma sociedade, uma nação ou a própria humanidade se acha em perigo, uma emanação, uma delegação do poder supremo interfere para reagir contra o mal.

Vem mostrar aos homens que há, acima da Terra, infinitos recursos e sociedades melhores, às quais podemos chegar desde já

com nossos pensamentos e chamadas, e que um dia lograremos alcançar por nosso próprio mérito e esforço.

VI
Prece de Jerônimo de Praga

"Meu Deus, tu que és grande, tu que és tudo, deixa cair sobre mim, pequenino, sobre mim, que existo porque tu quiseste, um raio de tua luz. Faz que, penetrado por teu amor, eu ache o bem, fácil, e o mal, odioso; que, animado do desejo de agradar, meu espírito vença os obstáculos que se opõem ao triunfo da verdade sobre o erro, da fraternidade sobre o egoísmo.

Faz que, em cada companheiro de provas, eu veja um irmão, como tu vês um filho em cada um dos seres que emanam de ti e devem para ti retornar.

Dá-me o amor ao trabalho, que é o dever de todos na Terra, e, com a ajuda da luz que puseste à minha frente, esclarece-me sobre as imperfeições que atrasam meu progresso nesta vida e na outra."

— 0 —

Índice de Nomes Próprios

Aksakof, Alexander - Notável investigador espírita russo. Autor de *Animismo e Espiritismo*. Realizou experiências com a célebre médium Eusapia Palladino (1832-1903).

Allan kardec - Codificador da Doutrina Espírita (3 de outubro de 1804 - 31 de março de 1869).

Arthur Hill - Médium.

Botazzi - Diretor do Instituto de Fisiologia da Universidade de Nápoles.

Boutroux, Emile - Filósofo francês.

Brémond - Assina as atas dos fenômenos, em Avignon.

Brofferio - Professor universitário. Assinou atas de comprovação de fenômenos havidos em casa do senhor David, em 13 de janeiro de 1899, em Avignon.

Canuel - Assina as atas dos fenômenos, em Avignon.

Cardarelli - Senador italiano. Realizou experimentações juntamente com o professor Botazzi.

Challis - Professor da Universidade de Cambridge, Inglaterra.

Conan Doyle, Arthur - Médico e escritor espírita inglês (1859-1930).

Crewe, Padre - Clarividente e amigo de Conan Doyle.

Dariex - Estudioso dos fenômenos psíquicos (Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres).

David, Sr. - Realizou reuniões em Avignon, com bons resultados.

Domenach - Tenente francês. Assina as atas dos fenômenos de Avignon.

Ermácora - Doutor em Física.

Eusapia Palladino - Grande médium italiana desde a idade de 14 anos. Prestou-se a inúmeras experiências com sábios

renomados: Lombroso, Aksakof, Myers, Delanne, Bozzano, etc. (1854-1918).

Finzi, G. - Doutor em Física.

Flammarion, Camille - Célebre astrônomo francês. Espírita e grande colaborador de Allan kardec.

Forget, Sra. - Médium conhecida de Léon Denis.

Fourcade - Espírito comunicante.

Frederico Myers - Professor da Universidade de Cambridge.

Gallas, Sra. - Médium.

Gérald Massey - Opina sobre Espiritismo.

Gerosa - Professor universitário.

Gracia - Pessoa que a médium encontra.

Grimaud, Padre - Fundador de uma escola para surdos-mudos, em Avignon.

Gurney, Edmond - Da Sociedade de Investigações Psíquicas.

Gustave Le Bon - Médico e sociólogo francês (1841-1931).

Hodgson, Richard - Amigo desencarnado de William James.

Jerônimo de Praga - Guia espiritual de Léon Denis.

Joana d'Arc - Médium.

Katie King - Espírito comunicante por Florence Cook.

Leymarie, Pierre Gaétan - Grande colaborador de Allan Kardec, na divulgação das obras espíritas.

Lodge, Oliver - Físico inglês. Pesquisou com Eusapia Palladino. Escreveu *Raymond* ou *Vida e Morte*.

Lombroso, Césare - Criminologista, médico. Fez experimentações com Eusapia Palladino. Autor de *Hipnotismo e Espiritismo*.

Manton - Nome de um espírito.

Massenet, Jules - Compositor francês (1842-1912).

Maxwell - Estudioso dos fenômenos psíquicos (Sociedade de Investigações Psíquicas).

Michelet, Jules Emile - Escritor e historiador francês (1798-1874).

Olivier Cromwell - Membro do Parlamento Inglês; um dos nomes mais importantes da história inglesa (1599-1658).

Paracelso (Theophrastus Bombast von Hohenheim) - Suíço, médico, filósofo, hermético e alquimista (1493-1541).

Paul Gibier - Biólogo francês, colaborador de Pasteur. Espírita militante (1851-1900).

Philips - Amigo de Conan Doyle.

Piet Botha - Espírito que se apresenta.

Piper, Leonora - Grande médium americana do século XIX.

Raymond Lodge - Filho de Oliver Lodge. Como espírito, dá importantes revelações a seu pai.

Rice - Médium.

Richet, Charles - Grande fisiologista francês (1850-1935).

Roussel - Assina as atas dos fenômenos, em Avignon.

Ruperto - Espírito do filho do pastor Wynn.

Schiaparelli - Diretor do observatório astronômico de Milão.

Stead, William Thomas - Jornalista inglês.

Thompson, Sra. - Médium.

Tournier - Assina as atas dos fenômenos de Avignon.

William Crookes - Químico e físico inglês (1832-1919) - Estudou durante 3 anos os fenômenos do espírito Katie King. Escreveu *Fatos Espíritas*.

William James - Filósofo e psicólogo americano, um dos fundadores do pragmatismo (1842-1910).

Wynn - Pastor protestante.

Notas:

[1] Infusório: animal unicelular, microscópico (protozoário) que vive nos líquidos. (Nota da Revisora conforme o *Le Robert, Dictionnaire de la Langue Française.*)

[2] Titanic: célebre navio por seu luxo, dimensões – o maior do mundo na época em que foi construído – e por sua segurança: era considerado inafundável. No dia 14 de abril de 1912, quatro dias após o início da sua viagem inaugural, o Titanic bateu em um *iceberg*, enorme massa de gelo flutuante, fazendo um rombo no casco. Em apenas 2 horas e 40 minutos o navio submergiu, morrendo 1523 pessoas das 2228 que se encontravam a bordo. (N.R.)

[3] Veja-se a *Revue Spirite* de 15 de janeiro de 1909. (Nota do autor)

[4] Este autor não é somente um escritor célebre, é também médico e profundo conhecedor das questões científicas. (Nota do autor)

[5] Ver minha obra *No Invisível*. (Nota do autor.)

[6] A vidente de Prevorst: Frederica Hauffe, nascida em 1801 na aldeia de Prevorst, em Wurttemberg, Alemanha. Médium sonambúlica. Para maiores detalhes veja-se o livro do Dr. Justinus Kerner, da Editora O Clarim, *A Vidente de Prevorst*. (N.R.)

[7] *Joana d'Arc, Médium*, Editore FEB. (N.R.)